

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
(HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA)

Taiane Rodrigues Pereira

**O Ensino de matemática em turma multisseriada, dos anos
iniciais, de uma escola do campo.**

BELO HORIZONTE (MG)
2020

Taiane Rodrigues Pereira

Monografia: O Ensino de matemática em turma multisseriada,
dos anos iniciais, de uma escola do campo.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, habilitação em Matemática, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para conclusão do curso.

Orientadora: Profa. Ms. Aliene Araújo
Villaça

BELO HORIZONTE (MG)
2020

TAIANE RODRIGUES PEREIRA

O Ensino de matemática em turma multisseriada, dos anos
iniciais, de uma escola do campo.

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação do Campo, habilitação em
Matemática, da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a conclusão do curso.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Dedico este trabalho este trabalho primeiramente a Deus e a minha família, esposo, filha, irmã, cunhada, padrasto pelo apoio para continuar o curso e pelo cuidado que tiveram comigo para que chegasse até aqui. Vocês foram fundamentais para que eu conseguisse concluir mais essa trajetória na minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para continuar o curso, pois, o começo não foi fácil, e se não fosse o apoio da família, amigos e colegas talvez não tivesse continuado, e mesmo com as dificuldades consegui chegar até aqui.

Agradeço minha irmã, minha sogra, cunhada e as babás que cuidaram da minha filha, enquanto eu estava fora porque não foi fácil deixa-la apenas com dez meses para continuar estudando e saber que tinha quem cuidasse bem dela enquanto eu estava fora era a paz que eu tinha para seguir em frente.

Agradeço a minha falecida Mãe que apesar de não está entre nós, me deixou uma forte lembrança de seus ensinamentos sobre a importância dos estudos principalmente para uma mulher, essas palavras nunca sumiram da minha cabeça e foi um incentivo para continuar e enfrentar cada obstáculo que apareceu.

Agradeço a meu esposo por me ajudar nessa caminhada e sempre acreditou em mim, me incentivou e cuidou da nossa filha enquanto eu estava fora.

Agradeço aos colegas, professores, monitores, que fizeram o possível para me ajudar durante o curso, seja para tirar dúvidas com trabalhos acadêmicos ou em outras circunstâncias que apareceram durante o curso.

Agradeço minha orientadora Aliene pela paciência e dedicação que sempre teve comigo e pelas palavras de apoio me fazendo acreditar que daria conta de continuar este trabalho, enquanto eu estava insegura comigo mesma.

Agradeço também todo corpo docente do curso de licenciatura em Educação do Campo por todo o suporte que nos deu durante o curso e pela luta para manter o curso e garantir o nosso deslocamento a cada Tempo Escola.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem por objetivo descrever como é a prática de uma professora, que ensina matemática, numa escola do campo, mais especificamente em turma multisseriada com alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Buscou-se identificar com base na prática e nos relatos da docente, quais são as facilidades e limitações de atuar em uma turma multisseriada, conhecendo assim, a realidade daquela escola do campo. O trabalho está estruturado da seguinte forma, primeiro traz o memorial relatando história de vida da autora do trabalho, indo desde infância, do período escolar até chegar ao curso Licenciatura em Educação do Campo- habilitação Matemática destacando como se deu a escolha do tema de pesquisa e a sua relação com as vivências da autora. Logo a seguir é discutindo teoricamente, sobre a Educação do Campo, turmas multisseriadas e Educação Matemática. Mais à frente é apresentando a abordagem metodológica deste trabalho que está inserida dentro da pesquisa qualitativa, desenvolvendo a observação participante em uma turma multisseriada do 4º e 5º ano na Escola Municipal de Traçadal, distrito de Rio Pardo de Minas/MG. Os instrumentos de pesquisas utilizados foram cadernos de campos e entrevistas. Neste trabalho são descritas cinco aulas, no qual a pesquisadora esteve presente, apresentando como se dava a dinâmica de cada dia, como a turma interagia entre si, com a professora e até mesmo com a pesquisadora. A partir desta descrição é realizado uma análise voltando-se para as especificidades observadas no que refere-se a turma multisseriada, mais diretamente ao que foi observado em campo, como também, volta-se para o Ensino de Matemática dentro daquele contexto, no qual foi identificado uma prática que ora está direcionada para a resolução de exercícios e ora para atividades experimentais. Para concluir são realizadas algumas reflexões sobre o trabalho da professora, sobre o a escola ser no e do campo, sobre a importância das turmas multisseriada e também da relevância deste trabalho para formação acadêmica e profissional da autora.

Palavras chaves: Educação Matemática – Turmas Multisseriadas – Educação do Campo – Ensino Fundamental

Lista de Ilustrações

Figura 1- Atividade realizada no dia 17/09/2019	29
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AVC	Acidente Vascular cerebral
CSH	Ciências Sociais e Humanidades
CTI	Centro de Tratamento Intensivo
CVN	Ciências da Vida e Natureza
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
LAL	Língua, Arte e Literatura
PAES	Processo Seletivo de Acesso a Educação Superior
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PROEB	Avaliação da Rede Pública de Educação Básica
UEMG	Universidade Estadual de Minas Gerais
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

Sumário

<i>Capítulo I - Meus caminhos até a pesquisa</i>	10
1- <i>Minha trajetória escolar</i>	10
1.2- <i>A Educação Matemática, a Educação do Campo, a escola: seus reflexos para a pesquisa</i>	13
<i>Capítulo II- Referencial Teórico</i>	16
2.1- <i>Educação do Campo</i>	16
2.2- <i>A turma multisseriado no contexto da Educação do Campo</i>	18
<i>Capítulo III – Produção do Material Empírico</i>	21
3.1 <i>Procedimentos Metodológicos</i>	21
3.2 - <i>Contextos da Pesquisa</i>	22
3.2.1 <i>Descrevendo a escola</i>	22
3.2.2 <i>Descrevendo as turmas</i>	23
3.3- <i>A pesquisa de campo</i>	24
3.3.1 <i>Descrevendo a prática de em sala de aula</i>	24
<i>Capítulo IV- Discutindo resultados</i>	37
<i>Capítulo V- Considerações finais</i>	46
<i>Referências Bibliográficas</i>	48
<i>Apêndices</i>	51

Capítulo I - Meus caminhos até a pesquisa

1- Minha trajetória escolar

Eu, Taiane Rodrigues Pereira nascida e criada na cidade de Rio Pardo de Minas (Norte De Minas Gerais) sou filha de Leonilda Rodrigues Pereira nasci no dia 02/05/1994. Minha infância foi marcada pela presença da minha avó, Dona Marta. Isso, porque morei com ela a partir de 1 ano de vida, até os 22 anos, quando me casei. Estudei os primeiros anos iniciais numa escola infantil da cidade, chamada de Pedacinho do Céu e estudei o primeiro ano do Fundamental I na Escola Municipal Gumercindo Costa.

A entrada na escola foi um período importante na minha trajetória, porque antes da entrada na escola, eu não era registrada e como uma exigência da instituição, caso a minha mãe não me registrasse eu teria que sair da escola. Esta demora, se deu pelo fato que meu pai havia sumido quando eu nasci, e minha mãe por não saber a sua localização, não havia feito o registro. Assim, diante da cobrança da escola depois de um tempo, ela me registrou, sem o nome dele, e aos sete anos de idade, foi efetivada a minha matrícula na escola, o que me recordo até hoje a expressão de felicidade da minha professora, já que era este documento que garantiria a minha permanência nos estudos.

A partir da segunda série Ensino Fundamental I passei para outra escola, a Escola Estadual José Cristiano. Esta era uma escola ampla com quadra, refeitório e espaço para brincar na hora dos intervalos. Tive muitas dificuldades de aprendizado na terceira série¹ do Ensino Fundamental², principalmente com a disciplina de Matemática. Recordo-me que nessa época tinha dificuldade de interpretar e resolver problemas matemáticos e, além disso, não conseguia realizar cálculos de divisão. A minha professora não tinha paciência de me explicar a matéria novamente e se percebesse algum erro, era comum, ela gritar conosco. Sendo assim, ao chegar ao final do ano não consegui nota suficiente para ser aprovada e ai fiquei de recuperação, mas consegui passar para série seguinte mesmo sem saber a matéria direito, uma vez que, não obtive a nota esperada na realização das provas e trabalhos mesmo participando dos momentos de recuperação.

Quando passei para a quarta série a professora era paciente e resolvi conversar

¹ Hoje os anos escolares são divididos em anos escolares, contudo na época da minha escolarização a divisão era por séries, assim neste memorial serão apresentados diante desta perspectiva

² O que hoje corresponde ao 2º ano do Ensino Fundamental.

com ela acerca da minha dificuldade, assim ela foi me orientando com calma e desta forma consegui aprender as matérias que eu tinha dificuldade da série passada e as que estavam estudando naquele momento.

A partir da quinta série comecei estudar no turno da manhã e a metodologia e ritmos das aulas também se alteraram. Cada matéria tinha um professor tendo aulas, com duração de cinquenta minutos. No início tive dificuldades, com o tempo das aulas, o ritmo dos professores e também com troca de professores a cada cinquenta minutos, mas me acostumei rápido, tive professores bons e outros nem tanto. Na sétima série tive um professor de matemática ótimo, que explicava os conteúdos matemáticos de forma simples e assim conseguimos aprender a matéria.

Quando passei para o Ensino Médio, isso na mesma escola percebi um número maior de alunos do campo, uma vez que as escolas das suas comunidades não ofertavam estes anos escolares. Percebi que eles eram vítimas de preconceito como: é da roça, é jeca, não sabe nada é porque é da roça, entre outras coisas do tipo.

Uma das dificuldades que a escola vivenciava como um todo, era a falta de identidade e identificação por parte de seus membros uma vez que, havia muita indisciplina por parte dos alunos que não respeitava os colegas e nem professores e nem mesmo a direção não escapava dos apelidos. Percebia-se também uma desorganização por parte da direção quanto à gestão escolar.

Alguns alunos destruíam carteiras, rabiscavam paredes e quebravam vidros e por causa disso a escola ganhou má fama na cidade, chegando até a receber o nome de “Carandiru”. Contudo, a escola tinha ótimos professores e uma biblioteca boa, com boa estrutura e livros, e devido a essas e outras qualidades terminei o Ensino Médio essa escola.

Quando terminei este período escolar consegui através do PAES (Processo Seletivo de Acesso a Educação Superior) da Unimontes passar no vestibular para curso de Letras/Espanhol em Montes Claros, mas não tinha condições econômicas de mudar para o município e não tive coragem de deixar minha avó e o medo da minha mãe em me deixar morar sozinha em outra cidade me fez desistir de cursar o curso.

Depois disso, tentei trabalhar, mas a minha experiência não foi boa devida minha timidez, todos os meus empregos foram em lojas, e devido a esta dificuldade,

não conseguia me sobressair e era mandada embora. Mas não tinha desistido de cursar um ensino superior e assim tentava todo ano o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Como também, tentei o vestibular da UEMG (Universidade Estadual de Minas Gerais) no ano de 2013, mas não fui aprovada e no mesmo ano tentei o vestibular da Unopar na minha cidade fui aprovada. Comecei a cursar o curso de Pedagogia mas tinha dificuldades financeiras durante o curso por ser particular, mas mesmo assim, continuei o curso fazendo trufas para vender na faculdade e assim poder continuar estudando. Em uma das aulas, conversando com uma colega de curso, ela me falou do LeCampo³, que me chamou atenção. Assim, procurei saber como funcionava o processo de entrada no curso. Descobri que eu poderia me inscrever, pois uma de suas exigências era ter alguma forma de inserção no campo e como eu tinha contato através dos meus tios que sempre me levava pra passar uns dias com eles no campo e os ajudava com algumas atividades, percebi que era possível candidatar-me por preencher este requisito. Mas também era preciso ter realizado o Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), e por ter feito a prova naquele ano, fiz a inscrição do vestibular, fui aprovada e entrei na universidade em 2016. Ingressei mesmo sem conhecer qual era a real proposta do LeCampo, e a área, no qual haviam vagas ser da Matemática. Sabia da minha dificuldade com disciplina Matemática, mas esta era uma área do conhecimento que me desperta atenção e além disso, havia um desejo de continuar meus estudos em uma universidade pública. Assim, conciliei os dois cursos até o ano de 2018 quando conclui o curso de Pedagogia.

Quando entrei na universidade fiquei surpresa com a recepção dos colegas e professores e com andamento do curso. Contudo, alguns dias depois tiveram uma surpresa que mudou minha vida, descobrir que estava grávida de dois meses e a partir daí comecei a preocupar se eu ia conseguir continuar a faculdade. Preocupei com minha avó, pois cuidava e morava com ela, assim como com minha mãe. Além disso, com os julgamentos dos outros sobre mim, pois era solteira, apenas namorava e na minha cidade por ser pequena e tradicional as pessoas ainda julgam essa situação. O primeiro Tempo Escola⁴ foi bastante difícil para mim, comecei passar mal e enjoar e não me alimentava

³ Lecampo é um curso de Licenciatura em Educação do Campo ofertado pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais que acontece em regime de alternância e forma educadores do campo. Ele é dividido em quatro áreas de conhecimento a LAL, Língua, Artes e Literatura, a CVN, Ciências da Vida e da Natureza, a Matemática e a CSH, Ciências Sociais e Humanidades, e ao concluir o curso o licenciando é habilitado a ministrar aulas da habilitação que cursou dentro da perspectiva da Educação do Campo. Contudo a cada ano é ofertado um vestibular apenas para uma área de conhecimento.

⁴ Tempo Escola é o período em que os licenciados estão na universidade durante o mês de julho e janeiro, cursando em período integral as disciplinas do curso

direito e isso afetou demais o meu aprendizado. Não conseguia prestar atenção direito nas aulas e por outro lado esse primeiro Tempo Escola ficou marcado pela atenção que recebi dos colegas que me ajudaram com conselhos e ficaram do meu lado quando passava mal e até com remédios.

Quando voltei para minha cidade tive mais surpresas encontrei minha avó doente. Ela tinha sentido um mal estar, o que levou a um terceiro AVC (Acidente Vascular Cerebral) e por consequência, ela estava acamada e minha mãe cuidando dela e, além disso, depois de 18 dias minha mãe também sentiu AVC e ficou internada 32 dias em coma no Centro de Tratamento Intensivo (CTI) da cidade de Taiobeiras, Minas Gerais e no dia 30/09/2016 ela veio a falecer. Foram dias difíceis, aconteceram várias mudanças ao mesmo tempo, tive que aprender lidar com elas e cuidar de mim, pois estava grávida.

Em vários momentos pensei em abandonar a faculdade devido em ter que deixar minha filha muito novinha para poder participar do Tempo Escola e, além disso, tive que conciliar o curso de Pedagogia até ano de 2018 com o Lecampo.

Em meio a essas dificuldades optei em continuar o curso e tive acesso ao PIBID (Programa de Iniciação a Docência) e voltei a escola que estudei a partir da segunda série do Fundamental I ao Ensino Médio como estagiária. Durante esse período o meu olhar perante a escola mudou, deixei de ser aluna e comecei a vê-la com o olhar de professora. Percebi algumas mudanças da escola que conhecia, para a atual, principalmente no que refere-se, a direção, uma vez que essa nova gestão tem uma relação de mais respeito perante os alunos do que a outra e a organização eram melhores e a indisciplina dos alunos também era menor.

1.2- A Educação Matemática, a Educação do Campo, a escola: seus reflexos para a pesquisa.

Este trabalho terá como temática as turmas Multisseriadas, sendo que o meu interesse pelo tema surgiu quando eu estava cursando o 3º período do curso de Licenciatura em Educação do Campo habilitação em Matemática (Lecampo) e na disciplina de Políticas Públicas, a professora Dayse Cunha me enviou o trabalho sobre a disciplina, em que eu teria que escolher um tema e fazer uma pesquisa e um trabalho de 15 páginas. Dos temas listados, estavam materiais didáticos e pedagógicos; formas e instâncias de controle social; Formação de professores; alimentação escolar; dentre

outros, mas o que me chamou atenção foi a temática da turma de Multisseriação. Fiz uma breve pesquisa sobre o assunto que me gerou mais curiosidade. Em um dos artigos que li na época, me chamou atenção o fato de o professor além lecionar teria que limpar a escola e fazer merenda, ou seja, o profissional daquela escola tinha várias funções, como afirma os autores.

E.S.L foi contratado pela Prefeitura Municipal para exercer o cargo de professor. Contudo, diante das adversidades que encontra naquela comunidade, a sua função tem extrapolado a condição docente. Como na escola em que trabalha não há outro funcionário, ele assumiu a condição de secretário escolar, uma vez que é ele que divulga as vagas escolares, faz a matrícula das crianças e mantém toda a escrituração da escola em dia. E.S.L. também assumiu as atribuições do cargo de serviço geral, pois é quem cuida do prédio da escola, varre o pátio, lava as louças, lava os banheiros e leva a merenda pronta para as crianças.(RAMALHO;SCHNETZLER, 2012, p.252)

Com isso, fiquei a questionar sobre a função docente, sobre o papel do professor em sala de aula e na escola, e principalmente tive o interesse em pesquisar e estudar esse tema no trabalho de conclusão de curso, pois percebo que as “Turmas Multisseriadas” são uma realidade dentro da Educação do Campo.

Além disso, como tenho formação em Pedagogia, o que faz com que meu olhar para os anos iniciais seja mais apurado, assim ao pensar na multisseriação, é fato que esta acontece geralmente nos anos iniciais. Outro ponto, é que por convivência com colegas recém-formados, acabei constatando que professores no início de carreira, as suas primeiras aulas, costumam serem designado a escolas no campo. Isso ocorre, pois, devido o fato dos professores efetivos e com mais experiência na área terem prioridade de lecionar na cidade. Assim comecei a pensar na possibilidade que um dia poderei lecionar, e provavelmente, para turmas multisseriadas, pois é no campo que ela está mais presente. Deste modo, tive interesse e curiosidade de entender melhor esta realidade.

Na busca por conhecer o tema, busquei por trabalhos que discutiam a temática, assim localizei o trabalho Silva (2017) que estudou o uso de jogos matemáticos como mediador de dois anos escolares de uma turma multisseriada. Em seu trabalho ela concluiu que as escolas multisseriadas são responsáveis pela alfabetização de muitas crianças e que os professores são dedicados e mesmo com as dificuldades eles buscam novos caminhos para trabalhar e um desses caminhos são os jogos matemáticos. E conclui, que a multisseriação é uma realidade na educação do campo e também é uma possibilidade dos alunos estudarem perto de suas casas e sendo assim, elas não perdem suas raízes e tem um ensino que respeitam as suas especificidades.

Após a leitura deste trabalho, dos textos lidos na disciplina da professora Daisy, ao ter que formular o meu Trabalho de Conclusão de curso, fiquei pensando que a temática de turma Multisseriada era um tema interessante. Pois tinha algumas dúvidas em relação a essa temática, como: é difícil ministrar aulas em turmas multisseriada? O docente ao ensinar um dado conteúdo, divide o quadro sendo, uma parte para cada ano escolar? é preciso ter um planejamento muito bem definido para cada ano escolar? A estrutura da escola é muito precária? Dentre outras questões.

Assim, na tentativa de responder essas questões o objetivo deste trabalho de conclusão de curso é de descrever como é a prática de uma professora, que ensina matemática, numa escola do campo, mais especificamente em turma multisseriada com alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Para isso, tenho como objetivos específicos identificar as limitações que a professora enfrenta ao ensinar matemática em turma multisseriada do 4º e 5º ano, as facilidades que tem ao ensinar matemática e assim, analisar como ela lida com o fato, de lecionar aulas de matemática, para alunos de dois anos escolares do ensino fundamental.

Assim, ao buscar por uma escola que tinha turma multisseriada em meu município, localizei a Escola Municipal de Traçadal situada na comunidade Traçadal II no município de Rio Pardo de Minas-MG.

Esse tema será importante para a Educação matemática para podermos repensar a nossa prática em sala de aula e fazer uma reflexão sobre a realidade dos alunos para poder trabalhar o ensino de matemático de acordo a vivência deles.

Capítulo II- Referencial Teórico

2.1- Educação do Campo

A Educação do campo é compreendida segundo Brasil (2009) como conceito que sempre está em movimento, uma vez que ele ganha conteúdo no contexto histórico, que se forma e si firma no conjunto das lutas de movimentos sociais camponeses.

A Educação do campo é e foi construída *por e para* os diferentes sujeitos e se apresenta como garantia de ampliação das possibilidades de homens e mulheres camponeses criarem e recriarem as condições de existência no campo. O campo a partir do conceito de territorialidade é o lugar marcado pela diversidade econômica cultural e étnico racial e possibilita a relação dos seres humanos com sua própria produção com os resultados de seu trabalho, com a natureza de onde tira seu sustento.

Segundo as autoras Druzian e Meurer (2013) “historicamente, a Educação do Campo nasceu como oposição a projetos de educação que buscavam uma visão instrumentalizadora, é colocada a serviço das demandas de um determinado modelo de desenvolvimento do campo (que sempre dominou a chamada “educação rural”).(p.131). Além disso, os autores comentam que a Educação do Campo durante muito tempo foi menosprezado. No imaginário acredita-se que a população rural seria extinta e que não necessitava de uma escola no e do campo. Outro fator que influenciou na forma de se ver o campo foi na Revolução Industrial que levou ao êxodo rural, levando ao desenvolvimento no meio urbano e deixando o campo em segundo plano. Tudo isso, fez com a educação rural apresentasse problemas, uma vez que levou ao agricultor familiar a falta de perspectivas em relação ao seu local de permanência, pois por falta de recursos de acompanhar o processo de evolução global e faz com que abandona o campo acreditando que a cidade é melhor.

Tudo isso, fez com que muitas escolas do campo fossem fechadas, entretanto fez surgir os desafios de criar formas de permanência dos alunos do campo nas escolas, pois como afirma Druzian e Meurer (2013) “nesses sentidos revela-se a necessidade de trazer a tona questões que permeiam a realidade da educação no campo inclusive questões sobre as classes multisseriadas, a formação de professores, a efetividade dessas e também de como as práticas podem ser repensadas dentro da realidade”. (p. 130)

Contudo, através dos movimentos sociais, houveram lutas na intenção de garantir que a temática entrasse na agenda de discussão do Ministério da Educação. Essas tiveram início na II Conferência da Educação do Campo em que se definiu a ampliação de novos campos de luta consolidando um projeto de história de educação conduzida e organizada pelos sujeitos sociais do campo.

Isso fez com que houvessem mudanças no conceito de educação rural, para Educação do Campo. Sendo que esse está atrelado ao processo de edificação de um projeto que inclui o desenvolvimento para o campo, pensando em suas especificidades e em seus sujeitos, pois como afirma Vendramini, citado por Druzian & Meurei, 2013:

Nesta orientação, foram realizadas diversas conferências estaduais e nacionais, sendo a primeira conferência nacional”. Por uma educação básica do campo. Realizada em 1998 e organizada pelo MST, CNBB, UNICEF e UNESCO. Essa primeira conferência inaugurou uma nova referência para o debate e mobilização popular. Educação do Campo e não mais educação rural, ao reafirmar a legitimidade da luta por políticas públicas específicas e por um projeto educativo que vive e trabalham no campo. (VENDRAMINI 2013, apud DRUZIAN & MEUREI, 2013, p. 132)

A partir dessas mudanças foi possível acumular instrumentos legais que reconheceram e validaram as condições necessárias para que a universalidade do direito a educação seja exercida respeitando especificidades dos sujeitos do campo.

Contudo, para se pensar uma Educação do Campo de qualidade é necessário desenvolver um modelo de educação que seja embasado na realidade dos sujeitos, sendo principalmente focado na situação socioeconômicas das famílias do campo a fim de garantir condições para reprodução material da vida dessas famílias para manter as crianças nos processos educativos por longos períodos, além de garantir acesso a terra e recursos naturais.

O conceito de Educação do Campo foi incorporado na primeira Conferência Nacional de Educação Básico sendo resultado de muita luta desses sujeitos, pois a partir deste momento pessoas do campo passaram a ter o direito de estudar no lugar onde vivem (espaço de produção e cultura).

O conceito de Educação do campo surgiu dos debates acumulados pelos movimentos sociais, universidades, governo, ONG, e entre outros grupos organizados que formaram a articulação Nacional por uma Educação do Campo.

Segundo as Brasil (2002), as diretrizes das escolas do campo são definidas:

Pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando – se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva (BRASIL, 2002, p. 1)

2.2- A turma multisseriado no contexto da Educação do Campo

O termo multisseriado, no Brasil, tem a intenção de definir o agrupamento de alunos devida as suas necessidades educacionais e/ou fatores pedagógicos. Contudo, quando voltamos nosso olhar para Educação Rural, as turmas multisseriadas tem o seu foco na permanência das crianças e jovens nas escolas próximas a suas comunidades, devido o número de alunos ser reduzido e assim evitar saída deles para a área urbana. Deste modo Druzian e Meurer (2013) definem que as classes multisseriadas neste contexto “são turmas nas quais o professor tem a responsabilidade exclusiva por dois ou mais níveis de escolaridade do mesmo tempo espaço.” (DRUZIAN & MEURER, 2013 p.130)

Apesar das turmas multisseriadas serem vistas em outros cenários, é no campo que elas constituem sua máxima expressão identitária. Contudo, ela é um desafio, pois quando se fala em classes multisseriadas o que se busca é a sua superação, uma vez que, por muito tempo esse modelo de educação foi visto como de má qualidade. Entre eles está a baixa qualificação dos professores, falta de condições e materiais didáticos, a complexidade do exercício da docência em classes multisseriadas, o atraso da formação escolar do sujeito do campo. Além disso, as turmas multisseriadas enfrentam outras dificuldades, pois além delas terem apenas um docente, este acaba por assumir “muitas vezes múltiplas funções, de faxineiro, de professor, para duas, três e até quatro séries diferentes ao mesmo tempo e no mesmo espaço.”(DRUZIAN E MEURER, 2013, p.133.), o que traz muitas das vezes, certo descredito a educação ali realizadas.

Segundo Druzian e Meurer (2013) as turmas multisseriadas surgem devida a baixa densidade demográfica e o baixo número de alunos, o que inviabiliza a organização específica, deste modo as classes multisseriadas surgem para solucionar o acesso á escolarização de um número reduzido de crianças e jovens existentes no campo.

Muitos são os desafios apontados para a realidade enfrentada por professores e alunos das instituições do campo multisseriadas entre eles estão: grande repetência dos alunos, evasão escolar, principalmente em época de colheita, falta de espaço físico,

dificuldades de acesso às escolas tanto do aluno quanto do professor e unidocência em classes multisseriadas. Contudo, é preciso ir além deste olhar, na tentativa de

superar as visões tão negativas do campo e de seu ensino multisseriado, construindo uma nova proposta educativa para a escola do campo organizada em multisseriação, a qual deve em consideração os seguintes aspectos: necessidade de investigar as diferentes formas de organização do trabalho pedagógico realizadas em turmas diferenciadas por idade e aprendizagens, reformulação da política pedagógica das instituições e do currículo rurais e as políticas públicas que busquem qualidade e as retirem do anonimato.” (DRUZIAN & MEURER, 2013, p.134)

Nesse contexto como afirma Hage (2006) também há aspectos que estão para além do professor e que comprometem o processo de ensino aprendizagem dessas turmas, como a infrequência, a precariedade da estrutura física, dificuldades de transporte e longas distâncias percorridas por professores e estudantes para chegar á escola, a oferta da merenda, e a necessidade dos estudantes realizarem atividades produtivas em face precárias condições de vida no campo.

Além disso, como Hage explica (2006) que os professores sofrem com a instabilidade no emprego devido às relações políticas e ficam mudando constantemente de emprego e tem também dificuldades com o planejamento, pois podem chegar a trabalhar com até sete anos escolares concomitantemente incluindo educação infantil e ensino fundamental. Na tentativa de superar essa dificuldade, livro didático apresenta-se como uma alternativa, mas este impõe um currículo , que muita das vezes é deslocado das populações do campo.

Hage (2006), apresenta que outra dificuldade encontrada neste contexto é que a maioria dos alunos, dessas escolas, tem escassos recursos pessoais e suas famílias não possuem condições necessárias para fornecer grande apoio, sendo assim, existe a falta de recursos das famílias, ou recursos extremamente limitados aos sujeitos do campo e sendo delegados de políticas públicas. Além disso, esses sujeitos se sentem inferiorizados em relação às escolas da cidade, por acreditarem que lá o ensino é de melhor qualidade. Na tentativa de superar essa visão é necessário que as escolas multisseriadas sejam incluídas na agenda das secretarias estaduais de educação e municipais, do MEC, das universidades e centro de pesquisas dos movimentos sociais, a fim de se pensar em propostas que atendam a essa realidade e auxiliem na superação destas limitações.

Hage (2006) diz ainda, que é importante destacar que as escolas multisseriadas oportunizam aos sujeitos o acesso a escolarização em sua própria comunidade e isso pode contribuir para permanência dos sujeitos do campo. Assim, é preciso trabalhar em escolas multisseriadas pensando numa construção de outra identidade, que não seja “multi ou seriada”, mas sim no sentido de alargar os horizontes, investigando e expressando as potencialidades de todos os sujeitos da escola do campo de acordo com as condições regionais e locais dos sujeitos que a frequentam.

Capítulo III – Produção do Material Empírico

3.1 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa realizada teve um cunho qualitativo, pois como coloca Goldenberg (1997) a partir do olhar dos métodos qualitativos o pesquisador pode observar, como cada indivíduo, grupo ou instituição vive suas experiências de forma a conhecer a realidade pesquisada.

O trabalho de campo ocorreu na Escola Municipal de Traçadal situada na Fazenda do Traçadal II que atende alunos da Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, sendo o Fundamental II no turno matutino que é o 6º ao 9º e a Educação Infantil e o Fundamental I no turno vespertino. A escola atende as quatro comunidades vizinhas.

A turma que acompanhei para pesquisa foi uma turma do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental. Busquei por esta escola, por ser uma instituição que se considera uma escola no campo, pois como esclarece Caldart (2002) há uma diferença entre uma escola ser *no* e *do* campo, sendo que o “no campo” refere-se que o sujeito tem o direito de ser educado no lugar onde vive e o “do campo” diz respeito à valorização da sua cultura, dos saberes, com sua participação e voltada para as suas “necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2002, p.18).

O meu primeiro contato com a escola foi através da diretora por meio de mensagem, através do aplicativo “WhatsApp”, explicando sobre o meu interesse em pesquisar sobre turmas multisseriadas e se haveria possibilidade de realizar a pesquisa na instituição para o meu trabalho final e ela aceitou.

Na minha primeira visita a escola, fui apresentada a professora Vanielly, que era professora do 4º e 5º, numa turma Multisseriada. No meu contato inicial a disse que gostaria de acompanhar as aulas, principalmente as de Matemática em sua turma, por ser multisseriada, uma vez que este era meu assunto de monografia. Ela aceitou e comecei acompanhar no mesmo dia.

Como primeiro exercício de investigação propôs acompanhar seis aulas de matemática desta professora, sendo uma vez por semana, durante todo o dia, contudo o foco da observação eram as aulas de Matemática que ocorriam no primeiro horário de aula, isso é de 13h às 15h. Como forma de organização do material empírico foi realizado a observação participante uma vez que seu foco é estabelecer um convívio

com os sujeitos e com o espaço no qual a pesquisa está sendo realizada. Fiorentini & Lourenzato (2009) explicam que a “observação participante é uma estratégia que envolve não só a observação direta, mas um conjunto de técnicas metodológicas (incluindo entrevistas, consulta a materiais etc.), pressupondo um grande desenvolvimento na situação estudada.” (p.108), no qual o pesquisador passa a se tornar um membro daquela comunidade no qual está investigando.

Durante as observações foi utilizado caderno de campo para anotação das observações, uma vez que Fiorentini & Lourenzato afirmam que “é nele que o pesquisador registra observações de fenômenos, faz descrições de pessoas e cenários, descreve episódios ou retrata diálogos.” (FIORENTINI & LOURENZATO, 2009, p.118).

Foram realizadas também, duas entrevistas, porém como elas foram realizadas posteriormente ao trabalho de campo, já que algumas questões surgiram durante o momento de organização de dados. Fatores como a distância da escola e da minha moradia e a disponibilidade da docente, essas foram realizadas através de mensagens através do aplicativo de mensagens “WhatsApp”, no qual era feito, por escrito, a pergunta e a professora respondia via áudio. E esses áudios, foram transcritos posteriormente a fim de compor o corpo de análise desta pesquisa.

3.2 - Contextos da Pesquisa

3.2.1 Descrevendo a escola

A Escola Municipal de Traçadal, situada na fazenda Traçadal II, que está a 18 km da cidade e pertence a sede do município de Rio Pardo de Minas, criada pela lei municipal nº 573 de 18/02/1977 autorizada em 26/09/1983 pela portaria nº020/DOC/83; a denominação foi recebida devida a existência da Fazenda Traçadal.

A Escola oferta o Ensino Fundamental I e Ensino Fundamental II nos turnos matutinos e vespertinos e também a EJA que está em processo de implementação, mas ainda não tem data prevista.

Possui seis salas de aula, um banheiro feminino, um banheiro masculino, um banheiro para funcionários, secretaria, cantina, diretoria, sala de informática, sala de professor e quadra de esportes.

Entre os seus aspectos positivos está o fato de não possuir anexo, deste modo, não está subordinada a outra escola, e o que faz ter a sua própria direção. A instituição tem turmas multisseriadas, pelo fato de terem diminuído o número de matrículas na escola. Isso ocorre, pois não há muitas crianças na comunidade já que muitos pais tem saído da comunidade para trabalharem fora, o que faz que fiquem de cinco a seis meses afastados da comunidade. Deste modo, alguns retornam e outros não, assim, na intenção de que a escola não feche foi necessário a abertura das turmas multisseriadas para que os alunos não façam um longo percurso para poder estudar. Outro ponto de destaque é a merenda que é de boa qualidade feita com capricho e dentro das normas de higiene .

Já o que se refere aos aspectos negativos um ponto que chama atenção é em relação ao refeitório que é um espaço pequeno, o que dificulta a organização do espaço e o trabalho de socialização entre os alunos na hora do lanche. Sendo assim, a merenda é servida de forma não muito confortável aos alunos na hora do lanche, uma vez que o local não comporta á todos. Assim, faz- se necessário a ampliação da escola com locais específicos para um bom funcionamento.

3.2.2 Descrevendo as turmas

Acompanhei uma turma multisseriada nessa escola, as turmas são do 4° e 5° ano do Ensino Fundamental sendo que ela atende o 1° e 2° período da Educação Infantil, e 1° ao 5° ano do Ensino Fundamental I.

A Educação infantil é multisseriada. A turma possui doze alunos, sendo seis alunos do 1° período e os outros seis são do 2° período. A turma é regida pela professora Nilda que é muito criativa e dinâmica no desenvolvimento do seu trabalho. A professora conta com a ajuda de uma auxiliar de classe.

A turma do 1° e 2° ano também é multisseriada, possui 12 alunos, sendo 05 do 1° e 07 do 2° ano. A turma é regida pela professora Léia e possui também uma professora de Educação Especial. A turma tem 02 alunas especiais.

O 3° ano possui 13 alunos, é a única turma que não é multisseriada na Escola e é regida pela professora Valdete.

O 4° e o 5° ano possui 19 alunos, sendo 04 do 4° ano e 15 do 5° ano. A turma é regida pela professora Vanielly que trabalha nesta escola há três anos.

Durante o recreio que iniciava às 15h30min os alunos primeiramente se dirigiam para o refeitório, merendavam e em virtude de seu tamanho algumas crianças estavam sentadas nas portas das salas de aula ou dentro delas. Após merendarem, ia brincar. Sendo que os meninos brincavam de jogar bola e as meninas pulavam corda, brincavam de elástico ou de pega pega.

3.3- A pesquisa de campo

3.3.1 Descrevendo a prática de em sala de aula

A turma no qual foi realizado o trabalho de campo é 4° e o 5° ano possuem 19 alunos, sendo 04 alunos do 4° ano e 15 do 5° ano. A turma é regida pela professora Vanielly que trabalha nesta escola há três anos. A sua formação é em Pedagogia, com pós- graduação em Educação Infantil, em Supervisão Escolar e Educação Especial.

A maioria das aulas que acompanhei eram nas segundas-feiras, e neste dia estava previsto as aulas de Matemática. Elas aconteciam no primeiro horário de 13h às 15:30 do dia. Contudo, destaco que por ser o meu interesse para este trabalho, nas descrições irei focar somente nas aulas de Matemática. Como rotina da turma, todos os dias, no início do horário a professora começava com uma oração.

Pude participar de uma aula de Educação Física. Percebi que às meninas, que são a maioria da turma, juntamente com os meninos, brincaram de bola e de rouba bandeira. Sendo que neste dia até chamam para brincar com eles. Apesar de não me considerar boa jogadora aceitei de brincar com eles e avalio que valeu apenas porque me aproximei deles e senti que eles gostavam da minha presença em sala de aula. Estabelecendo assim um maior vínculo com essas crianças, como nos recomenda Dermatini (2009) no que refere-se a confiança deles para comigo.

1º dia de observação:

No primeiro dia de observação que ocorreu no dia 26/08/2019, antes da aula de matemática observei que a professora depois de organizar a sala de aula e de realizar a oração , começou a corrigir uma atividade em que o conteúdo era fração equivalente,

cujo seria tema da prova do PROEB⁵. E como os alunos eram do 4º e 5º ano, os do 5º iriam realizar a prova no final do ano e a professora estava trabalhando este conteúdo com eles. Atividade era em uma folha e envolvia frações.

Depois da correção, a professora começou escrever outra atividade no quadro sobre fração equivalente, sendo a mesma para todos os alunos, com na intenção reforçar o que eles já tinham visto antes. Os alunos acompanharam a professora que escrevia no quadro as frações abaixo:

Verifique se as frações a seguir são equivalentes:

a) $\frac{7}{5} = \frac{3}{8}$

b) $\frac{1}{5} = \frac{4}{20}$

c) $\frac{1}{2} = \frac{2}{4}$

d) $\frac{6}{24} = \frac{1}{4}$

Eles terminaram de copiar juntos com ela, e em seguida começaram a responder a atividade. Conforme foram concluindo, quem terminava primeiro ajudava os colegas que estava com dificuldades.

Durante a minha permanência em sala, os alunos ficavam me olhando, principalmente para o meu caderno de anotações, pois a professora disse a eles que eu iria anotar tudo o que eles faziam. Percebia que eles sentiam vontade de me perguntar alguma coisa, sobre o que eu estava fazendo, mas ficavam com vergonha de ir até minha carteira. Isso nos traz alguns elementos que envolve a observação participante (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZ-NAJDER, 2004), que é o essa interação entre sujeitos alunos e o pesquisador, ainda mais quando envolve crianças tão jovens, pois como coloca Dermartini (2009) é importante estabelecer laços de afinidade e confiança, quando se faz pesquisa envolvendo crianças, e essa relação, mesmo que por curto prazo, foi se estabelecendo ao longo do trabalho.

Neste primeiro dia notei que a professora separa os dois anos escolares em fileiras e como são apenas quatro alunos do 4º ano esses alunos ficam em uma única fila no canto na sala, o que nos despertou atenção sobre como se dava a separação destes alunos por anos escolares, como também, como os alunos percebiam isso. Neste dia, uma aluna pergunta a professora:

⁵ PROEB é uma avaliação de caráter externa e censitária que tem por objetivo diagnosticar o ensino público do estado de Minas Gerais (MINAS GERAIS, 2008).

Aluna: *Tia Vany porque a atividade do 4º é a mesma?* **Professora:** *Porque é o mesmo conteúdo é o que nível de aprendizagem de vocês é parecido.* (26/08/2019)

Contudo, neste dia devido um dos transportes ter quebrado faltaram muitos alunos e, nesta aula os alunos realizaram esta atividade, além da correção da prova do PROEB que também era sobre fração equivalente. Conforme os alunos terminava as atividades a professora dava visto nelas para depois os alunos corrigir com ela a atividade no quadro, entretanto nesse dia não deu tempo de corrigir a última atividade, pois, tinha dado a hora do recreio e nem todos tinha terminado ainda.

2º dia de observação:

No dia 02/09/2019, a professora seguiu no mesmo ritmo, organizou a sala e começou com uma oração, como alguns alunos estavam com os ânimos exaltados teve-se uma demora para organizar a sala. Depois a professora pediu a uma aluna para escrever no quadro a correção de uma atividade da aula anterior, a professora entregou um caderno a aluna com as respostas, assim ela copiou no quadro e seus colegas a acompanharam, conferindo as respostas deles com o que a aluna está escrevendo no quadro, se caso estivesse errado, eles deviam corrigir.

Em seguida a professora passou uma atividade do livro didático sobre fração equivalente. Este livro era comum a todos da sala, e ficava no fundo da sala, no qual cada aluno pegava o seu, e ao final devolvia, era um livro do 4º ano.

Percebo um aluno, do 4º ano, disperso e sem interesse de fazer as atividades, pois enquanto os colegas estão fazendo as atividades do livro ele está parado na carteira olhando para os lados. A atividade não era muito complexa a meu ver, segue o exemplo de uma questão:

Na classe em que estudo $\frac{2}{3}$ dos alunos são meninos. Qual a fração de alunos que corresponde as meninas?

Os alunos pareceram não entender esse exercício, a professora utilizou o exemplo da sala para eles compreenderem o que ela desejava na atividade.

Professora: *A sala tinha total 15 alunos e desses 15 alunos 4 eram meninos , então a fração que representava os meninos é $4/15$. As meninas eram 11 então a fração que representa as meninas era $11/15$.*

Depois disso, alguns alunos do 4° e 5° ano compreenderam melhor a atividade, mas o aluno que estava disperso continuou quieto e sem fazer atividade. Percebi que ele ficava olhando para os lados e como a professora estava ocupada em responder um aluno e outro, que a chamava para tirar alguma dúvida e o restante da turma estava fazendo atividades ninguém o ajudou.

Neste dia como os alunos demoraram um pouco com essa atividade, nem todos terminaram a tempo da professora corrigir, uma vez que quando o sinal do recreio tocou, ainda haviam alunos realizando a atividade.

3° dia observação:

No dia 16/09/2019, cheguei à escola, depois da entrada, os alunos foram para a sala, organizaram as carteiras e realizaram a oração. O assunto do dia foi uma aula teórica sobre medida de capacidade. Neste dia, faltaram os alunos do 4° ano, pois, o transporte tinha quebrado e então a professora organizou a sala em círculo, devido o número menor de alunos, e também para melhor interação dos alunos para resolverem as atividades.

A professora ao perceber que os alunos estavam com dificuldades de uma questão do livro foi para o quadro explicar. A atividade em questão era a transformação do mililitro em litro, ou vice-versa, no qual ela tinha como intenção que os alunos entendessem que para transforma o mililitro em litro é necessário dividir por mil e transformar o litro em mililitro, sendo necessário multiplicar por mil. Como era um processo que envolvia muitas etapas, percebi que os alunos tiveram dificuldades nessa questão. Entretanto, mesmo a professora explicando observei, que os alunos que estavam com dificuldades não prestaram atenção, ficando conversando e levantando da carteira. Ela chamou atenção deles, mas nada adiantou. O que nos faz refletir sobre os

múltiplos fatores que levam aos alunos na recusa em prestarem atenção, sendo um deles a forma, ou o exemplo dado pela professora, ou outros conhecimentos como o de divisão e multiplicação que ainda não estavam consolidados nos alunos, ou mesmo a falta de interesse pode ter levado a essa ação.

Percebi que os alunos tinham dificuldades de interpretar o livro didático que utilizavam. Contudo, a professora tinha dois livros que eram usados somente por ela, um era Campo Aberto⁶, e outro livro que era Viver e Aprender. Ao observar os exercícios que a professora escrevia no quadro destes livros, observava que ele não contemplava os alunos do campo. O livro que os alunos usavam era o livro Buriti⁷ do 4º ano.

Neste dia a professora gastou quase todo o tempo da aula com três alunas que ainda estava com dificuldades na transformação de litro em mililitro e mililitro em litro, pois, tentou dar uma atenção individualizada para cada uma. Enquanto a professora estava dando atenção para essas alunas, alguns alunos estavam terminando as atividades e outros estavam conversando. A professora sempre pedia a quem terminasse a atividade primeira, para ajudar quem estava com dificuldades, e neste dia ela fez isso. Porém, não eram todos que gostavam de ajudar e alguns preferiam ir à carteira do outro para poder conversar entre eles mesmos.

A aula se encerra com alguns alunos ainda realizando a atividade e outros alunos conversando entre si.

4º dia de observação:

No dia 17/09/2019, a rotina inicial da aula, se manteve igual aos outros dias. Ao iniciar a aula de Matemática, foi retomado o conteúdo da aula passada, pois, por conta do transporte escolar que tinha estragado, e os alunos do 4º ano tinham faltado. Além disso, como alguns alunos tiveram dificuldades de entender a transformação mililitro para litro e litro para mililitro a professora escreveu no quadro novamente o conteúdo e explicou oralmente.

⁶ GOMES, Ligia Baptista; CONDEIXA, Maria Cecília Guedes; FIGUEIREDO, Maria Teresinha; VIDIGAL Sonia Maria Pereira. *Campo Aberto*.: matemática Ed. Global, 2014.

⁷ TOLEDO Carolina Maria, et al. *Buriti*: matemática – 4º ano, Ed. Moderna, 2017.

Na última aula, observei que algumas crianças tiveram dificuldade concentrar na explicação da professora, pois, alguns desviavam o olhar, não olhando para ela, ou outros que conversaram com os colegas, durante a explicação.

Depois disso, os alunos tiveram uma aula prática sobre medida de capacidade. A professora organizou a turma em grupos de quatro alunos, os grupos eram de anos diferentes, sendo assim a professora não separou os alunos do 4º e 5º ano. Ela distribuiu uma cópia da atividade para cada aluno, sendo que esta foi retirada da revista Nova Escola⁸, e os orientou a ler a o problema com muita atenção.

Figura 1- Atividade realizada no dia 17/09/2019



Fonte: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/988/medidas-de-capacidade-e-as-relações-entre-litro-e-mililitro>

A professora desafiou-os a estima, quanto de suco eles achariam que cada aluno iria tomar, solicitando que anotassem os valores para depois fazer correções com eles. A professora deixou a disposição um recipiente com a quantidade de água indicada no problema (1,5 L) e 4 copos descartáveis de mesmo tamanho, com capacidade para 250 ml, para que fizessem a divisão, transferindo, a água ou suco da jarra para outro

⁸ Este planejamento foi indicado pela revista Nova Escola, sendo indicado para alunos do 5º ano, contudo a professora fez adaptações nele. O planejamento original foi elaborado por Rosélia Sezerino Fenner e está disponível no link < <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/988/medidas-de-capacidade-e-as-relacoes-entre-litro-e-mililitro/sobre>> Acesso em 06.mai.2020

recipiente, neste caso, os copos. Como os alunos estavam organizados em grupos de 4 integrantes, puderam fazer uma simulação da situação. Isso facilitou a compreensão das equivalências entre o litro e o mililitro, relacionando as medidas.

Com o auxílio da professora os alunos realizaram a verificação das estimativas, ou seja, a professora primeiro ouviu dos alunos a resposta que eles tinha anotado em uma folha como ela pediu anteriormente, depois disso foi em direção ao quadro escrever os valores corretos e escreveu a seguinte correção:

Primeiro passo é transforma a quantidade da água que é 1,5L em mililitro.

$$1,5L=1500 \text{ ml}$$

Divide os 1500 ml entre os quatros amigos:

$$1500 \div 4=375 \text{ ml}$$

Como Lúcia recusou a bebida você subtrai:

$$1500 - 375=1125.$$

Logo, os três amigos tomaram 1125 ml de suco.

Ela os desafiou a encontrar mais de uma maneira de resolver a tarefa dada, sendo uma delas, representando a resposta em um Número Racional.

A professora explicou para eles que quando trabalhamos com divisão, também estamos trabalhando com fração e escreveu o seguinte exemplo no quadro para eles poderem compreender melhor.

O conteúdo de uma jarra de 1 litro pode encher completamente quantos copos de 250 ml?

$$1500 \div 4 =250$$

Então 250 representa $\frac{1}{4}$ ou a quarta parte de 1000.

Foi destinado um tempo para que os alunos discutissem entre si as possibilidades de solução do problema acima. A professora circulou pela sala, observando a maneira como estavam conduzindo os trabalhos, se todos do grupo estavam participando e, principalmente, o modo como estavam pensando na solução do problema. Ela foi realizando intervenção, através de questionamentos, como: Se Lúcia bebesse a água ou suco, quantos mililitros cada um iria tomar? Vocês acham que iria sobrar água na jarra? Para a professora essas perguntas os levariam a refletir sobre o que estavam fazendo. Os

alunos demonstraram muito entusiasmo com a aula, uma vez que era diferente do que eles estavam acostumados no dia a dia e procuraram fazer tudo que a professora pedia e estavam mais concentrados na aula, penso que por ser uma aula prática eles demonstraram mais curiosidade em relação a atividade.

Como tinha objetos como copos descartáveis e uma jarra com água algum aluno e outro derramaram um pouquinho de água no chão, mas com ajuda da professora eles organizaram tudo depois. A professora foi bastante prestativa procurando responder todas as dúvidas dos alunos em relação à atividade.

Na minha percepção a atividade foi muito relevante para a turma, mas, para essa pesquisa, penso que seria melhor separar os dois anos escolares para perceber se há diferença entre os dois anos escolares e como não houve a separação não deu para perceber diferenças entre o 4º e 5º ano.

Dentro do plano de aula, que a professora teve por base a matéria da Nova Escola. A professora me mostrou, o que era recomendado pela Nova Escola, para se discutir com os alunos:

- Qual será o primeiro passo para resolver essa atividade, ou seja, por onde começar?
- Vocês acham que 1 litro é suficiente para encher os 4 copos?
- Será que vai sobrar suco?
- E se os três amigos resolvessem tomar o suco do copo oferecido a Lúcia, que quantidade de suco cada um tomaria desse copo?
- Quanto representa esse número depois da vírgula?
- Quanto de suco vocês calculam que vai sobrar na jarra?
- Quantos copos serão possíveis de encher com o que sobrou de líquido?
- Quantas e quais são as unidades de medida que vocês identificaram no problema?
- Então, o que foi feito quando vocês dividiram a água ou suco para os copos? (divisão do líquido).
- O que aconteceu com as unidades de medidas ao repartir o líquido para os copos? (transformam-se em partes do litro, passando para a unidade mililitro).
- Observem, será que vocês usaram todo o líquido que havia na jarra? (FENNER, Rosélia Sezerino. **Plano de aula** - Medidas de capacidade e as relações entre litro e mililitro. Nova Escola; c.2020)

Segundo a professora proposta desta atividade era de fazer com que os alunos refletissem através da atividade como as medidas de capacidade relacionam-se entre si, identificando as equivalências entre as medidas.

Os alunos foram participativos e os achei entusiasmados ao manusear os objetos da experiência. Na minha percepção, depois deste dia o conteúdo ficou mais fácil para eles. Nesse dia fiquei apenas observando a aula e a participação dos alunos, sendo que a interação dos dois anos escolares não deu para perceber alguma diferença entre eles.

Ao finalizar as correções no quadro a professora pediu ajuda dos alunos para organizar a sala novamente em fileiras, mas antes de finalizarem, porque tocou o sinal do intervalo e a aula se encerrou.

5º dia de observação

No dia 19/09/2019 foi retomado a parte teórica do conteúdo medida de capacidade e a professora escreve no quadro o que está escrito abaixo:

O litro e o mililitro

Quando dizemos que no interior do tanque de um carro cabem 60 litros de combustível gasolina ou álcool ou que no interior de uma garrafa pequena de refrigerante cabem 290 mililitros estamos medindo a quantidade de líquido que se encontra no interior do tanque ou da garrafa.

A bomba de gasolina abaixo mede a quantidade de combustível colocado no tanque de um carro usando uma unidade chamada litro.

A unidade fundamental para medir líquidos é o litro, que se abrevia l.

Baseadas no sistema de numeração decimal existem outras unidades para medir líquidos; porém, a mais usada é o mililitro (ml), que é empregada para medir pequenas quantidades de líquido.

Observe:

1 litro equivale a 1000 mililitros.

Fonte: transcrição do livro Trigo &Trigo (2000)

Em seguida, ela passou, no quadro algumas algumas atividades que foram retirados pelo livro de consulta da professora o livro didático Viver e Aprender acima:

<i>Atividade 1</i>	<i>Atividade 2</i>
1- Qual unidades mais usadas para medir a quantidade de líquido qu O litro e o mililitro e há no interior de um recipiente qualquer?	1-Quantos ml há em $\frac{1}{2}$ l? 2- Um recipiente contem 660 ml de líquido. Ele contém mais ou menos que $\frac{1}{2}$ e desse líquido?

<p>2- Se consideramos a unidade litro e mililitro qual delas você usaria para medir a quantidade de líquido que há:</p> <p>a) No interior de uma xícara?</p> <p>b) No interior de uma piscina?</p> <p>c) interior de um tonel de vinho?</p> <p>d) No interior de um frasco de perfume?</p> <p>3- No quadro seguinte, está representada a produção A,B,C.</p> <table border="1" style="margin-left: auto; margin-right: auto;"> <tr> <td>Fazenda A</td> <td>8 135l</td> </tr> <tr> <td>Fazenda B</td> <td>9 062l</td> </tr> <tr> <td>Fazenda C</td> <td>8540l</td> </tr> </table> <p>Nessas condições responda:</p> <p>a) Qual delas produziu mais leite nesse mês?</p> <p>b) Quantos l de leite a fazenda C produziu a mais que a fazenda A?</p> <p>c) Quantos litros de leite faltaram à fazenda B produzir 10 000 de leite?</p> <p>d) Qual foi a produção das três fazendas juntas?</p> <p>4- Com 1 litro de gasolina, o carro do meu pai anda em média 9 km. Quantos km ele andará se houver 35l no tanque?</p> <p>5- Quantos ml há em:</p> <p>(A)2l? (B)3l? (C)5l?</p> <p>(D)10l? (E)1/4l?</p>	Fazenda A	8 135l	Fazenda B	9 062l	Fazenda C	8540l	<p>3- O carro de Simone andou 132 km e gastou 12l de gasolina. Quantos km esse carro faz com 1l de gasolina?</p> <p>4- Foram produzidos 8l de suco de uva que devem ser colocados em garrafas onde 320 ml. Quantas garrafas serão usadas?</p> <p>5- Uma garrafa contém 550 ml de um líquido se o conteúdo de duas dessas garrafas foi despejado em vasilha onde cabe 1l do líquido para encher a vasilha? Quanto?</p> <p>6- Uma garrafa contém 1250 ml de refrigerante. Se eu comprar 8 garrafas, quantos l de refrigerante eu vou comprar?</p>
Fazenda A	8 135l						
Fazenda B	9 062l						
Fazenda C	8540l						

Fonte: transcrição do livro Trigo &Trigo (2000)

Após os alunos copiarem no caderno o que a professora escreveu no quadro, percebi que depois da aula prática os alunos tiveram mais facilidades de resolverem os exercícios. Ao meu ver ao fazerem associação entre a teoria e a prática os ajudou em suas dificuldades em transformar litro em mililitro ou mililitro em litro.

Percebi menos agitação dos alunos nesse dia, penso que seja porque eles estavam compreendendo melhor os exercícios depois da aula prática e assim a professora, poderia concluir esse conteúdo com os alunos nesse mesmo dia se a atividade não fosse grande. Após os alunos copiarem a atividade e quase todos responderem a professora viu algumas atividades e como tocou o sinal do intervalo ficaram para próxima aula os vistos e a correção.

6º dia de observação

Depois de ter me afastado por duas semanas devido alguns problemas pessoais voltei á escola no dia 01/10/2019 para observar um pouco mais os alunos. Percebi que no começo desta aula, eles estavam um pouco mais agitados e mesmo a professora pedindo para eles ficarem quietos para começar a correção, eles não ficavam.

A atividade da aula anterior era envolvendo divisão, a professora escreveu no quadro as operações de divisão e foi respondendo no quadro juntamente com os alunos. Após a correção a professora aplicou outra atividade envolvendo operações de divisões no quadro.

Alguns alunos demonstraram dificuldades com contas de divisões e foi necessário que eu ajudasse a professora com os alunos, sendo a pedido dela. Como também houveram alunos que também me solicitaram ajudada. Então, sentei ao lado de alguns deles e tentei explicar da mesma maneira que eu aprendi a fazer a conta de divisão que foi pela tabuada de multiplicação. Quando expliquei pela tabuada percebi que eles estavam com dificuldades com as operações de multiplicação.

A professora também percebeu que a maioria da turma estava com esta dificuldade e por isso, foi para o quadro explicar que era necessário fazer a “tabelinha” que é o mesmo da tabuada, e pediu que os alunos escrevessem a tabuada de multiplicação até que eles encontrassem o resultado da divisão. Ela deu como exemplo: Se for dividi o número 84 por 12, eles teriam que fazer a tabuada de multiplicação do número 12 começando pelo número 1 até chegar ao resultado do número 84.

Por exemplo:

$$12 \times 1 = 12$$

$$12 \times 2 = 24$$

$$12 \times 3 = 36$$

$$12 \times 4 = 48$$

$$12 \times 5 = 60$$

$$12 \times 6 = 72$$

$$12 \times 7 = 84$$

Portanto, ao fazer a tabuada do número 12 eles perceberiam que $12 \times 7 = 84$, Então 84 dividido por 12 é igual a 7.

Os alunos que não tiveram dificuldades e que terminaram a atividade primeira levantaram da carteira e se dirigiram para quadro para escreverem alguns rabiscos como o nome ou algum desenho como flores ou foram para a carteira do colega para conversar. Enquanto isso, a professora ficou auxiliando uma aluna que ainda estava com dificuldades com as operações da divisão. A professora chegou até chamar atenção dos alunos, pois alguns estavam atrapalhando a colega de concentrar nas explicações. Ela tentou realizar algumas intervenções na intenção de que os alunos que já tivessem terminado pudessem ficar quietos, mas não obteve sucesso. Assim até a finalização da aula, uma parte ficou resolvendo o exercício, alguns com a intervenção da professora e outros ficaram conversando com os colegas.

Depois de todo o processo de observação, senti a necessidade de conversar um pouco mais com a professora a fim de entender a sua organização e principalmente tirar algumas dúvidas que ficaram ao longo do processo. Contudo, como eu morava muito distante da escola e por disponibilidade da docente, optei por realizar essas perguntas através de perguntas pelo aplicativo de conversas WhatsApp, sendo mandando a pergunta por escrito e a professora respondeu através e áudios. Fizemos isso em dois momentos diferentes, sendo essas respostas transcritas e encontra-se nos apêndices deste trabalho na página 51.

Capítulo IV- Discutindo resultados

Neste capítulo nos dedicamos a analisar o material empírico produzido durante o trabalho de campo desta pesquisa, na busca de alcançar o objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso que foi o de conhecer como é a prática de uma professora, que ensina de matemática, numa escola do campo sendo esta uma turma multisseriadas com alunos do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, buscando identificar com base na prática e nos relatos da docente, quais são as facilidades e limitações de atuar em uma turma multisseriada.

Iniciamos por discutir como ocorria a junção de dois anos escolares dentro de um mesmo espaço, seja em relação aos conteúdos quanto à aproximação dos alunos. Durante o tempo em que estive dentro da sala de aula pude observar que a professora buscava sempre por uma aproximação dos dois anos escolares, fazendo assim a opção por ministrar uma aula fosse comum aos dois anos escolares, como observamos em todas as aulas. Além disso, em nenhum dos momentos que estive em sala, ela realizou uma atividade diferenciadas para nenhum dos anos escolares, mesmo que em alguns momentos, ela dissesse que aula fosse direcionada para a prova do SAEB, como ocorreu no primeiro dia de aula de observação. Contudo, para a professora isso é um ponto positivo dentro das turmas multisseriadas, pois quando questionada sobre quais são os pontos positivos de se ministrar aulas em turmas multisseriadas, ela nos disse.

Professora: *Os pontos positivos é que geralmente, quando pelo menos essa turma que peguei agora multisseriada que é 4º e 5º ano, então os conteúdos que são passados para as duas turmas são parecidos. Então a gente consegue mesclar e trabalhar o mesmo conteúdo com as duas turmas ao mesmo tempo, principalmente nas matérias geografia, ciências e história. Sabe os temas são iguais o que a gente tem que fazer é, tipo assim, no 4º ano, por exemplo, a gente inicia aquele tema com eles e 5º ano como já tem um certo conhecimento sobre aquilo a gente só avança mais sobre aquele tema. (Trecho da entrevista realizada com a professora)*

Outro ponto observado durante o trabalho do campo, é que a professora sempre buscava que um aluno auxiliasse o outro, como uma alternativa para atender aqueles alunos que considera em que há mais dificuldade, já que ela se mostra muito preocupada em atender as demandas individuais dos alunos, uma vez que por estarem em anos escolares diferentes, suas demandas são diferenciadas. Assim, como percebemos através de uma de suas falas na entrevista que realizamos.

Professora: *Então, é pra mim atender as necessidades individuais de cada um, requer muito esforço e dedicação, tanto dentro da sala de aula quanto fora da sala de aula é assim. Tem alguns alunos que tem mais dificuldades de aprendizagem e tal ai eu costumo às vezes colocar por exemplo aqueles que tem mais dificuldades pra sentar mais próximo um do outro. Assim eu consigo tá auxiliando e como eu conheço também individualmente no decorrer do ano, a gente vai conhecendo quais são as dificuldades maiores de cada um. Ai eu costumo sentar, sabe, mais próximo daqueles que estão com mais dificuldades. Às vezes eu dou uma atividade diferenciada pra aqueles que tem mais dificuldade. Eu conto com ajuda também dos próprios coleguinhas, às vezes eu coloco um aluno que tem mais dificuldade para sentar com o outro que consiga ajuda-lo, que nem sempre eu consigo dar atenção individual pra cada um. Quando necessário também eu peço auxílio da supervisora da escola é questão de leitura, pra tomar uma leitura, entendeu? Então é assim atividades mesmo se eu ver se um não tá conseguindo acompanha o restante da turma, eu dou uma atividade diferenciada pra ele se desenvolver mais naquilo que ele tem dificuldade. (Trecho da entrevista realizada com a professora)*

Um dia que conseguimos presenciar essa tentativa, foi no terceiro dia de aula quando ela pede para quem terminasse primeiro para ajudar quem está com dificuldades, porém, percebemos que os alunos não ficam muitos à vontade em auxiliar os colegas. Neste trecho da entrevista ela coloca que busca por realizar atividades diferenciadas, entretanto, enquanto estive em sala não consegui perceber, mas destacamos que devido ao pouco tempo em sala, não tivemos um retrato do toda da turma e das praticas da professores de forma ampliada, entretanto, destacamos que ela tem um movimento constante de ir até os alunos, ouvir suas dúvidas e atender cada um dentro do possível. Neste mesmo caminho, observa-se que a docente tinha o cuidado com o ritmo de cada aluno no acompanhamento das aulas, sempre considerando que cada criança tem sua cadência diferente, mas ela busca por dar uma atenção individualizada para os alunos respeitando o tempo deles e suas demandas, como ela relata na entrevista dada.

Professora: *Vamos colocar aqui 16 alunos, cada cabecinha, cada aluno é totalmente diferentes um do outro, tanto de personalidade, quanto também no nível de ensino e aprendizado, ou seja, alguns alunos conseguia pegar, assim, o conteúdo “rapidão” da primeira vez que eu falava, eles já pegavam, já entendiam e fazia a atividade beleza sem muita dificuldade. Já outros tinha muita dificuldade de assimilar conteúdos sabe, alguns tinha déficit de atenção, ou seja, não conseguia ficar parado, não conseguia prestar atenção na aula. (Trecho da entrevista realizada com a professora)*

Tendo ciência destas singularidades de cada um, a professora avaliava que o ritmo diferenciado de cada um poderia dificultar no avanço dos conteúdos, pois a professora só seguia adiante com os conteúdos quando percebia que os alunos conseguiram

compreender o conteúdo.

Contudo, destacamos que heterogeneidade dentro da sala de aula é algo presente em todas as turmas, não somente em turmas multisseriadas, porém, Hage (2014) explica que “essa heterogeneidade é inerente ao processo educativo que se efetiva na multissérie, na seriação ou em qualquer forma de organização do ensino” (p. 1179- 1180), porém o autor argumentou que não se pode

desconsiderar a visão dos sujeitos envolvidos com as escolas rurais multisseriadas, que em grande medida consideram a heterogeneidade inerente ao ambiente escolar, como um fator que dificulta o trabalho pedagógico do professor, fundamentalmente porque no imaginário social se tem generalizado que as “classes homogêneas”, entendidas muitas vezes como aquelas que reúnem estudantes da mesma idade na mesma série, são o parâmetro de melhor aproveitamento escolar e, conseqüentemente, de educação de qualidade (HAGE,2014, p. 1180).

Entretanto a partir das minhas observações pude avaliar como positivo se trabalhar com duas turmas e com conteúdos que dialogam entre si, porém Hage (2014) argumenta que é preciso ter um olhar diferente heterogeneidade, não a vendo como algo negativo, uma vez que ela pode ser,

um elemento potencializador da aprendizagem e enriquecedor do ambiente escolar, que poderia ser melhor aproveitado na experiência educativa que se efetiva nas escolas rurais multisseriadas, carecendo, no entanto, de mais estudos e investigações sobre a organização do trabalho pedagógico, o planejamento e a construção do currículo, sintonizados com as peculiaridades de vida e de trabalho das populações do campo, o que de forma nenhuma, em nosso entendimento, significa a perpetuação da experiência precarizada de educação que se efetiva nas escolas rurais multisseriadas (HAGE,2014, p.1180).

Mas para que isso seja possível é preciso preparo por parte do docente, tendo como uma destas ferramentas a formação dos professores que contemple uma “perspectiva interdisciplinar e dialógica entre os sujeitos e seus saberes culturais e científicos; e, reflexão crítica acerca das concepções de aprendizagem e das reflexões que têm sido produzidas sobre a seriação e seus impactos na organização do ensino e no trabalho docente” (HAGE,2014, p.1181). Porém, diante da minha convivência com a turma, observo que o número menor de alunos, como já citou acima, pode auxiliar neste manejo dos conteúdos, e no atendimento de cada um, porém avalio se fosse mais de duas turmas que seria ainda difícil lecionar numa turma multisseriada. Mas, de acordo com a professora, dentro dos pontos negativos de atuar em turmas multisseriadas está o nível de escolaridade diferente e de aprendizagem que durante a entrevista a professora vem

reforçando isso.

Professora: *Então os pontos positivos é que a gente consegue trabalhar o mesmo conteúdo com as duas turmas. E o ponto negativo é que assim, o nível de escolaridade de alguns alunos são diferentes, às vezes a gente tem que dá mais atenção pra alguns, enquanto isso a gente não consegue avança com outros.* (Trecho da entrevista realizada com a professora)

Um ponto que nos chamou atenção, foi que professora, sempre era enfática em dizer que mesclava os conteúdos, porém durante as observações não consegui perceber¹⁰ em quais momentos elas mesclava, os conteúdos com as duas turmas, pois, ela sempre passava as mesmas atividades para os dois escolares tanto que, se eu não soubesse que era uma turma multisseriada, não perceberia somente com minhas observações. Outra questão, que também não conseguimos perceber foi em relação às avaliações, pois durante a entrevista a professora fala das avaliações, porém nas aulas que a observei não tinha passado nenhuma avaliação de final de processo para os alunos, assim não sabemos analisar como essas aconteciam, e se nesse momento, havia avaliações diferentes para os alunos.

Durante as observações, no que se refere ao transporte escolar, verificamos que ele quebrava muito, como aconteceu no terceiro dia de observação em que a professora iniciou o conteúdo medida de capacidade, desta forma, observei que tal situação poderia prejudicar os alunos atrapalhando no rendimento deles caso a professora não retomasse o conteúdo no dia seguinte, e infelizmente nas escolas do campo esse tipo de situação acontece com frequência. O transporte escolar na comunidade é terceirizado, a prefeitura contratou uma empresa para está disponibilizando os ônibus. Isso nos levou a pensar nas outras relações que envolvem uma escola do campo, que vão além de se pensar o processo de ensino e aprendizagem, pois segundo o autor Hage (2014) o quadro dramático de precarização e abandono em que as escolas se encontram, reflexo do descaso com que tem sido tratada a escolarização obrigatória ofertada as populações do campo.

Quando interrogamos sobre os fatores que interferem na qualidade da educação e fortalecem o descrédito que se atribui às escolas rurais multisseriadas, em primeira instância se destaca a precariedade dos prédios escolares, as longas distâncias que os estudantes e docentes percorrem no deslocamento até a escola e as condições de transporte inadequadas, a sobrecarga de trabalho docente através de múltiplas funções desempenhadas e a instabilidade no emprego, a falta de acompanhamento das secretarias municipais de educação, a permanência do trabalho infantil, a vulnerabilidade da escola e dos docentes às interferências do poder local, o avanço da política de nucleação vinculada ao transporte escolar e o fechamento das escolas,

o currículo e os materiais pedagógicos pouco identificados com a realidade do campo... Em fim, múltiplas questões que impactam na identidade da escola e na organização do trabalho pedagógico, resultando no fracasso escolar dos sujeitos do campo. (HAGE, 2014, p.1174).

Nesse contexto, como afirmar Hage (2006), também há aspectos que estão para além do professor e que comprometem o processo de ensino aprendizagem dessas turmas, como a infrequência, a precariedade da estrutura física, dificuldades de transporte e longas distâncias percorridas por professores e estudantes para chegar á escola, a oferta da merenda, e a necessidade dos estudantes realizarem atividades produtivas em face precárias condições de vida no campo.

Além disso, como explica Hage (2006) os professores sofrem com a instabilidade no emprego devido às relações políticas e ficam mudando constantemente de emprego e tem também dificuldades com o planejamento, pois podem chegar a trabalhar com até sete anos escolares concomitantemente incluindo educação infantil e ensino fundamental. Na tentativa de superar essa dificuldade é o uso do livro didático, mas este impõe um currículo, que muitas das vezes é deslocado das populações do campo.

Porém, Hage (2014) adverte que não devemos nos ater somente esses aspectos, pois muitas são as possibilidades construídas por educadores, gestores e sujeitos do campo, no cotidiano das ações educativas, evidenciando situações criativas e inovadoras que desafiam as condições adversas que configuram a realidade existencial dessas escolas.

Foi comum observar que a professora se esforçava para que os alunos compreendessem o conteúdo, para tal, ela buscava por alterar suas estratégias a fim de alcançar os alunos, assim quando percebia dificuldades em alguns alunos, ela optava por mudar a sua didática, e trazer situações e exemplos diferentes as aulas, como foi no dia em que ela utilizou um plano de aula da nova escola, e foi isso que percebi em relação a aula prática sobre a transformação de litro em mililitro e mililitro em litro, que está descrita na aula do quarto dia que observsei. Mas é importante destacar a importancia do livro didático nas aulas mesmo ele sendo adequado ou não para aquela realidade dos alunos , mas passou por algum tipo de avaliação. Neste dia, constatei que os alunos se entusiasmaram com a aula e ficavam mais participativos. Penso que isso facilitou para eles compreenderem melhor o conteúdo, e tal ação da professora, mostrou que naquela momento, ela considerou a sua turma como um único coletivo, pois como argumenta Hage (2014), ao ver a turma como um todo, o docente entende as diferenças e peculiaridades daquele grupo, saindo assim, de um trabalho fragmentado. Além disso, tal

posição da professora vai de encontro ao que nos coloca Chagas & Pasuch, 2016,

Garantir a presença de materiais e recursos pedagógicos no espaço escolar é uma medida que, por si só, não garante mudanças na aprendizagem. Depende de o professor organizar sua prática pedagógica, seu planejamento, desenvolvimento e avaliação, para fazer uso desses materiais de forma contextualizada, dialogando entre os saberes das diferentes áreas, de modo a possibilitar ao estudante o acesso à compreensão das atividades propostas com o uso desses materiais. Quando o ambiente favorece a aprendizagem, transforma o desinteresse de alguns em motivação. Assim, a sala de aula deve incentivar a reflexão e ser motivadora da leitura, da escrita e do manuseio de material didático, deve servir para despertar os sentidos das crianças, transformando-se em local especial para a aprendizagem.(CHAGAS & PASUCH, 2016,p.1588).

No que refere-se às aulas de Matemática, durante os dias em que observei as aulas, pude perceber que as aulas da professora Vaniele em nenhum momento teve uma prática que se voltava para a Educação Campo, apesar de a escola ser localizada no campo. Percebemos que o modelo de ensino é parecido com a da cidade, penso que isso refere também a sua formação que não está ligado a Educação do Campo, contudo temos a compreensão de que

uma Escola do Campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas sim a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com suas lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura, seu jeito.(GONCALVES, 2014, p. 26)

No primeiro dia de aula a professora passou o conteúdo sobre fração que era tema da prova do SAEB e a professora estava preparando os alunos para fazerem a prova no final do ano, essa prova seria apenas para os alunos do quinto ano, mas durante as minhas observações percebi que tanto os alunos do 4º e 5º ano estavam fazendo as atividades referente a este conteúdo. Um ponto que destaco que é que segundo Nascimento (2008) “as aulas sobre números racionais, em sua representação fracionária, na maioria das escolas, se reduzem às aulas expositivas, seguidas de exercícios repetitivos tendo o professor, geralmente, o livro didático como único material de apoio para a elaboração de suas aulas” (p. 197), e foi isso que consegui perceber nas aulas desta professora. Notei que alguns alunos tiveram dificuldades em fazer atividades envolvendo frações, e isso se alinha ao que Nascimento (2008) adverte, de que muitos alunos acabam por ter dificuldade seja no Ensino Fundamental, quando o Ensino Médio, por não conseguirem perceber a relação entre “uso social dos números racionais e a forma como eles são

ensinados na escola.” (p.197). O autor também coloca que muitos professores também encontram dificuldade em ensinar tal conteúdo, seja por própria dificuldade com o conteúdo, quanto por não saberem como criar diferentes alternativas para atingirem seus alunos, assim acabam por utilizando metodologias ultrapassadas, e em muitos dos casos, torna o ensino mecânico.

Para uma superação desta forma de ensinar as frações, o autor coloca quatro perspectivas para o ensino dos números racionais, sendo elas

1° Aspecto prático – Os números racionais estão relacionados em suas diferentes representações à expressão de medidas e índices comparativos.

2° Aspecto psicológico - o trabalho com os números racionais possibilita a expansão de estruturas mentais que são necessárias ao desenvolvimento intelectual.

3° Aspecto da evolução conceitual da matemática – o estudo com os números racionais nas primeiras séries do ensino fundamental, principalmente na forma fracionária é fundamental para o desenvolvimento do trabalho com as operações algébricas que se dará posteriormente, ao longo do ensino fundamental.

4° Aspecto didático – epistemológico – o trabalho com os números racionais é de grande significação, pois proporciona a produção de conhecimento matemático, superando conflitos e dificuldades que surgem no campo dos números naturais e que se amplia na criação de um novo campo numérico (o dos números racionais).(NASCIMENTO, 2008, p. 199, grifo do autor)

Assim, percebemos durante o tempo que estivemos em sala, que a prática da docente, se volta para a resolução de exercícios, mas como não estivemos em momentos anteriores não podemos afirmar que ela não realizou nenhum dos pontos acima, contudo, a sua preocupação com o exame do SAEB, nos leva a hipótese de que para ela o ensino dos números racionais se direciona para a resolução de exercícios, não focando na experimentação e no convívio com os conceitos como nos sugere Nascimento, (2008), e isso pode ser uma possível justificativa para a dificuldade que percebemos com os alunos durante os exercícios.

O mesmo não observou em relação ao conteúdo de Grandezas e Medidas. No terceiro dia de observação, a professora iniciou o conteúdo “Medidas de Capacidade”, e percebi bastante dificuldade dos alunos para a realização do que foi solicitado. Eles estavam com dificuldades para transforma o mililitro em litro, pois era necessário dividir por mil e transformar o litro em mililitro, é necessário multiplicar por mil. Ao perceber isso, a professora dedicou mais aulas, voltando em aspectos sobre multiplicação e divisão, como também realizou uma aula prática, em que os alunos puderam experimentar diferentes medidas de capacidade, no qual eles participaram com

entusiasmo da aula.

Tal prática da professora vai de encontro ao que Viana, (2014) adverte, de que ensino sobre Grandezas e Medidas deve-se voltar para o ensino do conceito dentro de uma prática, no qual os alunos podem utilizar tanto o vocabulário presente dentro deste conteúdo, como mililitros, litros e ao mesmo tempo podem perceber na prática o que estão falando e o que isso representa. A autora ressalta, também, que é importante um trabalho cuidadoso e sistemático quando envolve as medidas, já que quando isso não ocorre, pode ocasionar problemas de compreensão em outros conteúdos durante o processo de escolarização.

Assim, o ensino das Grandezas e Medidas, deve se direcionar para que os alunos entendam a necessidade de compreender o número dentro do seu cotidiano, já que facilita a compreensão e dá significado para o que se está aprendendo (Santos, et al, 2014).

Assim, durante o tempo que estivemos em sala, conseguimos perceber os contornos que aquela prática tem, percebendo o quão complexo é a situação vivenciada tanto pelos alunos quanto pela professora, no qual temos uma professora que se dedica que busca por novas alternativas, mas que também tem suas limitações.

Percebemos uma escola, que acolhe seus alunos, mas que enfrenta dificuldades que estão para além do que podem resolver, como falta de estrutura e de transporte, que não deixam de afetar o seu cotidiano como sua prática. Mas a presença em sala me fez compreender melhor a realidade do campo, e principalmente a realidade de uma sala multisseriada.

Capítulo V- Considerações finais

Este trabalho começa com meu memorial que vem trazendo alguns pontos importantes da minha história como um pouco da minha infância, minha trajetória escolar até chegar ao Lecampo e no meu tema dessa pesquisa.

Depois discuto sobre a Educação Matemática, Educação do Campo e seus reflexos para minha pesquisa, nessa parte já explico um pouco sobre a temática da minha pesquisa que envolve a multisseriação e de quando surgiu meu interesse pelo tema que foi a sendo este reflexo de uma disciplina logo no início do curso. Neste tópico apresento outros trabalhos sobre o assunto, inclusive de uma egressa do Lecampo.

O meu referencial teórico discuto um pouco sobre a Educação do Campo, principalmente de quando surgiu o conceito de Educação do campo e de suas lutas sociais e também abordo sobre turma multisseriada no contexto da Educação do Campo, como o conceito de multisseriação, sendo este segundo Druzian e Meurer (2013) definem que as classes multisseriadas neste contexto “são turmas nas quais o professor tem a responsabilidade exclusiva por dois ou mais níveis de escolaridade do mesmo tempo espaço.” (DRUZIAN & MEURER, 2013 p.130)

Das dificuldades de professores e alunos e também da importância dela para evitar a saída dos alunos de suas comunidades para área urbana.

Para realização desta pesquisa, realizei trabalho de campo, na Escola Municipal de Traçadal em que acompanhei seis aulas da professora Vanielle, sendo este um período muito importante tanto para este trabalho quanto para a minha formação. Tive a oportunidade de conhecer melhor essa realidade que é muito presente nas escolas do Campo. Durante este período, estive junto aos alunos, tive oportunidade de me aproximar deles, conhecer um pouco da realidade daquela escola, conhecer a prática de sala de aula da professora, o que foi de extrema importância para a minha formação enquanto docente. Contudo, tenho ciência de que foi pouco tempo, o que me faz ter um visão apenas de uma parte do todo que compõem aquela escola. Mas estar naquele espaço me fez refletir sobre a escola, principalmente a da campo, entendendo na prática o que é uma escola *do* campo e *no* campo, mas compreendo, que ser uma escola *no* campo não é uma tarefa fácil, é necessário formação de professores, condições materiais e principalmente que a ideia central de que “do campo” envolve a valorização da cultura, dos saberes, com sua participação e voltada para as suas “necessidades humanas e sociais” (CALDART, 2002, p.18), dos alunos, mas também dos professores, e de todos os envolvidos no processo

educativo da instituição. Como para, além disso, pude presenciar o que Hage (2014) nos coloca, que devemos ultrapassar a ideia de negatividade em relação às escolas e turmas multisseriadas, mas sim, olhar de como o trabalho destes profissionais são permeados por atividades e situações criativas e inovadoras, buscando sempre realizarem o melhor que podem.

Porém, não podemos deixar de considerar que durante as minhas observações percebemos que a professora não tem a preocupação em trazer o campo para suas aulas, mas isso pode ser justificado, por não ter uma formação em Educação do Campo. Assim, ponderemos que a sua prática não se difere de outras aulas realizadas na cidade, no qual a apresentação do conteúdo no quadro e a realização de listas de exercícios para os alunos responderem, se faz presente. Contudo, mesmo que a professora não tenha uma consciência direta sobre isso, ela em muitos momentos considera a turma como um coletivo, como nos coloca Hage (2014), de forma a entender as diferenças e peculiaridades de cada um, e que quando percebem as dificuldades dos alunos ela muda o percurso da aula. Como também, percebendo essa tentativa de trabalhar dentro de um coletivo, em sua aula prática, já que ela a conduz de forma que todos possam compartilhar e trabalhar em conjunto.

Assim, este trabalho foi importante para minha formação tanto para área da Pedagogia, da Educação do Campo e da Educação Matemática e me faz refletir sobre a minha prática em sala de aula e o que posso fazer para ajudar no aprendizado dos meus futuros alunos, de forma a inserir uma matemática que valorize e respeite aquela cultura. E também, penso que posso trabalhar numa turma multisseriada futuramente, pois, aqui na minha cidade de Rio Pardo de Minas os professores em início de carreira provavelmente começar trabalhar em escolas do campo, já que na cidade a prioridade são professores concursados e com mais tempo de serviço, e isso já me levará a ter um olhar diferenciado para aquela realidade, buscando desenvolver um ensino da matemática, que entenda a realidade do campo, e as necessidades dos alunos de uma turma multisseriada.

Referências Bibliográficas

ALVES-MAZZOTTI, A. J. ; GEWANSZDNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisas quantitativas e qualitativas*. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 2004.

BRASIL. *Programa Escola Ativa. Orientações Pedagógicas para formação de educadoras e educadores*. Educação do campo. Fundamentos da Educação do Campo. Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD\MEC, 2009, p.14-22.

BRASIL. *Programa Escola Ativa. Orientações Pedagógicas para formação de educadoras e educadores*. Educação do campo. Escola Ativa: um programa de apoio político e pedagógico para as classes multisseriadas. Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: SECAD\MEC, 2009, p.23-34.

BRASIL. *Resolução CNE/CEB 1, de 3 de abril de 2002: Institui Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo*. Brasília, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13800-rceb001-02-pdf&category_slug=agosto-2013-pdf&Itemid=30192> Acesso em 19 de out. 2020

CALDART, R.S. Por uma educação do campo: traços de uma identidade em construção. In: KOLLING, E.J; CERIOLI, P.R. CALDART, R.S (orgs.). *Educação do campo: identidade e políticas públicas*. Brasília, DF: articulação nacional por uma escola do campo, 2002. Coleção por uma educação do campo, nº 4, p.18-25.

CHAGAS, R.da R. ; PASUCH, Jaqueline. Práticas pedagógicas na alfabetização de uma turma multisseriada no campo. *REVISTA EVENTOS PEDAGÓGICOS*, Sinop, v. 7, n. 3 (20. ed.), p. 1577-1603, ago./dez. 2016 ISSN 2236-3165.

DERMARTINI, Z.B.F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A L; DEMARTINI Z. B.F; PRADO, P. D. (org). *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. 3º Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009, p. 1-17

DRUZUAN, F.; MEURER, A. C. *Escola do campo multisseriada: experiência docente*. Geografia Ensino & Pesquisa. v. 17, n. 02, p. 129-146, Mai/Ago. 2013

FIorentini, D.. Lorenzato, S. *Investigação em educação matemática: percursos teóricos e metodológicos*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONÇALVES, G.B.B. Nucleação das escolas rurais. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *Dicionário: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/ Faculdade de Educação, 2010.CDROM

GONÇALVES, K.L.M. Educação Matemática do Campo. IN: BRASIL. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Educação do Campo: Práticas Socioculturais e a Educação Matemática nas Escolas do Campo*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2014, p.26-46.

HAGE, S. A. M. *Desafios para a Organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo: Relatos de experiência de professores das escolas multisseriadas do Pará*. Universidade Federal do Paraná. Março.2006. Disponível em: <http://endipe.pro.br/anteriores/13/paineis/paineis_autor/T908-1.doc> Acesso em 19 de out.2020

HAGE, S. A. M. *Transgressão do Paradigma da (multi) Sérição como referência para a construção da Escola Pública do Campo*. Educ. Soc.[online]. 2014, vol. 35, n. 129, pp. 1165-1182. ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/ES0101-73302014144531>. Acesso em 13 de out 2020.

HAGE, S. M.. A realidade das escolas multisseriadas frente às conquistas na legislação educacional. In: *Reunião anual ANPEd: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação* . XXIX, Anais, Caxambu, 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/posteres/GT13-2031--Int.pdf>> Acesso em 08 de out 2020.

HAGE, S. M.. *A Realidade das Escolas Multisseriadas Frente as Conquistas na Legislação Educacional*. In: anuais da 29ª reunião anual da ANPED: Educação, Cultura e Conhecimento na Contemporaneidade: desafios e compromisso manifestos. Caxambu: ANPED, 2006.

MINAS GERAIS. *Avaliação da Rede Pública de Educação Básica – PROEB*. Disponível em <<http://www2.educacao.mg.gov.br/aspectos-legais-e-responsabilidades/page/297-proeb>> Acesso em 05.mai 2020

MOLINA.M.C.. Desafios para os Educadores e as Educadoras do Campo. In: CALDART,R.S. *Educação do Campo: identidade e políticas públicas*. Brasília, DF: articulação nacional Por uma Educação do Campo. Coleção Por uma Educação do Campo, n.º 4. 2002, p.26 – 30

NASCIMENTO, J.. *Perspectivas para aprendizagem e ensino dos números racionais*. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 8, n.2, p. 196-208, 2008.

RAMALHO, M. N. de M.; SCHNETZLER, R. M. O cotidiano de professores de salas multisseriadas. *Trabalho & Educação*, v. 21, n. 3, p. 257-271, 21 fev. 2013.

SANTOS, et al. Grandezas e medidas. IN: BRASIL. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Medidas. A medida em nossas vidas*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2014, p.13-17.

VIANA, Carlos Roberto. Grandezas e medidas. IN: BRASIL. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Medidas. Afinal, o que é medir?* Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio a Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2014, p.28-35.

Apêndices

Transcrição das entrevistas realizadas com a professora

1- Quais são os pontos positivos e negativos de trabalhar numa turma multisseriada?

Professora: *Os pontos positivos é que geralmente, quando pelo menos essa turma que peguei agora multisseriada que é 4º e 5º ano, então os conteúdos que são passados para as duas turmas são parecidos. Então a gente consegue mesclar e trabalhar o mesmo conteúdo com as duas turmas ao mesmo tempo, principalmente nas matérias geografia, ciências e história. Sabe os temas são iguais o que a gente tem que fazer é, tipo assim, no 4º ano, por exemplo, a gente inicia aquele tema com eles e 5º ano como já tem um certo conhecimento sobre aquilo a gente só avança mais sobre aquele tema. Então os pontos positivos é que a gente consegue trabalhar o mesmo conteúdo com as duas turmas. E o ponto negativo é que assim, o nível de escolaridade de alguns alunos são diferentes, às vezes a gente tem que dá mais atenção pra alguns, enquanto isso a gente não consegue avança com outros.*

2- Como é trabalhar com especificidades diferentes?

Professora: *É um desafio e tanto viu, porque eu tava numa turma multisseriada né, 4º e 5º ano é graças a Deus pelo menos aqui na roça o número de alunos são menos, imagina uma turma com muitos alunos. Vamos colocar aqui 16 anos, cada cabecinha, cada aluno é totalmente diferentes um do outro, tanto de personalidade, quanto também no nível de ensino e aprendizado, ou seja, alguns alunos conseguia pegar, assim, o conteúdo rapidão da primeira vez que eu falava, eles já pegavam, já entendiam e fazia a atividade beleza sem muita dificuldade. Já outros tinha muita dificuldade de assimilar conteúdos sabe, alguns tinha déficit de atenção, ou seja, não conseguia ficar parado, não conseguia prestar atenção na aula. Então assim, acho que a maior dificuldade assim, o maior desafio que tinha era de ter que lidar com número de crianças ali dentro da sala de aula e cada um muito diferente um do outro.*

3- Há quanto você trabalha com turmas multisseriadas?

Professora: *É quando iniciei minha carreira há três anos atrás, esse ano faz quatro né. Eu trabalhei tipo um semestre com turma multisseriada , mas foi Educação Infantil 1º e 2º período ai de lá pra cá, agora em 2019 eu voltei trabalhar com essa turma do 4º e 5º ano. Em 2018 a turma que peguei também, no início, era multisseriada era 4º e 5º ano. Também só que com duas semanas mais ou menos que tinha iniciado o ano letivo ai separou as turmas ai eu fiquei só com 5º e outro professor assumiu o 4º ano. Aí agora em 2019 ai sim peguei a turma multisseriada e fiquei o ano todo. Ai você pode colocar que apenas um ano porque as outras eu fiquei só um período. O ano completo foi esse ano de 2019.*

4- Qual é a sua formação?

Professora: *Eu sou formada em pedagogia, licenciatura ai tenho pós- graduação em Educação Infantil, em supervisão escolar e educação especial, mas minha formação mesmo é graduada em pedagogia licenciatura.*

5- Há quantos anos a escola trabalha com turmas multisseriadas?

Professora: *Olha, desde quando comecei a trabalhar foi em 2016, eu sempre trabalhei nessa escola aqui. Quando iniciei só tinha a Educação Infantil que sempre foi multisseriada aqui sempre foi 1º e 2º período junto. É que eu saiba desde sempre, pele menos desde quando começou a Educação Infantil que sempre foi multisseriada. Agora do 1º ao 5º ano que formou turma multisseriada foi a partir de 2017 pra cá, veio as turmas multisseriadas do 1º ao 5º.*

A primeira turma multisseriada do 1º ao 5º, foi 1º e 2º se não me engano foi em 201. Aí, ai em 2018 continuou o 1º e 2º e iniciou o 4º e 5º também só que depois separou a turma ai ficou só o 1º e 2º ano. Em 2019 tinha 1º e 2º ano e 4º e 5º multisseriada e esse ano 2020 já vai esta 1º, 2º e 3º junto e 4º e 5º também junto e a Educação Infantil, então esse já vai ter três turmas multisseriadas, entendeu?

6- Como você planeja as aulas?

Professora: *Para planeja as aulas eu sigo uma ficha de planejamento que a supervisora passa para gente que é o componente curricular. Ai tem o componente curricular de todas as matérias e ai eu tenho uma outra ficha que é o roteiro semanal e nesse roteiro coloco os horários de segunda a sexta –feira. Como é multisseriado eu busco ao máximo mesclar e trabalhar o mesmo conteúdos com as duas turmas, como eu já tinha te falado, é então, tipo né português por exemplo. Durante uma semana eu quero trabalhar um certo tema ne português ai vou tentar trabalhar aquele mesmo tema com as duas turmas, ai tipo como uma semana tem cinco dias é ne, português por exemplo, um dia eu trabalho com leitura e interpretação textual, ai no outro dia já trabalho ortografia, no outro dia já trabalho com gramática, no outro já coloco produção textual,entendeu? Nas outras matérias também é a mesma coisa, assim eu busco trabalhar aquele mesmo tema, porém no 4º ano eu trabalho de uma forma tipo introduzindo aquilo, aquele tema, aquela matéria e no 5º como relembrando o que eles já estudaram e eu busco ta aprofundando mais com o 5º ano.*

No meu planejamento, assim, quando eu decido o que vou trabalhar naquela semana com relação a todas as matérias ai vou buscar o material. Geralmente eu uso o livro didático , mas nem sempre o livro que a gente recebe tem esses conteúdos. Ai passo para pesquisa na internet ai uso a folha e às vezes também vídeos, eu gosto de trabalhar bastantes com vídeo, com musica então tudo isso entra no meu planejamento.

Como você está estudando matemática, eu creio que você tenha interesse, assim em saber como é meu planejamento pra matemática ai é eu tento como o tempo é curto nos bimestres as vezes a gente não consegue trabalhar todos os conteúdos que é previsto lá na ficha de planejamento que é passado pra nós, então eu tento trabalhar no máximo uma semana com cada conteúdo.

7- Como você atende as necessidades individuais dos alunos?

Professora: *Então, é pra mim atender as necessidades individuais de cada um, requer muito esforço e dedicação, tanto dentro da sala de aula quanto fora da sala de aula é assim. Tem alguns alunos que tem mais dificuldades de aprendizagem e tal ai eu costumo às vezes colocar por exemplo aqueles que tem mais dificuldades pra sentar mais próximo um do outro. Assim eu consigo ta auxiliando e como eu conheço também individualmente no decorrer do ano, a gente vai conhecendo quais são as dificuldades maiores de cada um. Ai eu costumo sentar, sabe, mais próximo daqueles que estão com mais dificuldades. Às vezes eu dou uma atividade diferenciada pra aqueles que tem mais dificuldade. Eu conto com ajuda também dos próprios coleguinhos, às vezes eu coloco um aluno que tem mais dificuldade para sentar com o outro que consiga ajuda-lo, que nem sempre eu consigo dar atenção individual pra cada um. Quando necessário também eu peço auxilio da supervisora da escola é questão de leitura, pra tomar uma leitura, entendeu? Então é assim atividades mesmo se eu ver se um não ta conseguindo acompanha o restante da turma, eu dou uma atividade diferenciada pra ele se desenvolver mais naquilo que ele tem dificuldade.*

8 - Como são as avaliações para cada ano escolar?

Professora: *Os alunos eram avaliados oralmente, por escrito, através de trabalhos e avaliações diagnosticas. As avaliações são diferentes para ambas as turmas, atendendo assim as especificidades de cada serie.*

9-Como as aulas são planejadas?

Professora: *As aulas são planejadas de forma que contemple propostas em que todos os estudantes trabalham com a mesma atividade, para tirar proveito dos diferentes saberes que circula a sala; há tarefas diferentes, em pequenos grupos, para focalizar aprendizagens especificas. Há produções individuais em que posso para diversificar ainda mais tarefas, contando com a produção mais autônoma dos alunos. As atividades são a maioria das vezes impressa, mas é utilizado livros didáticos, jogos, slides, rodas de conversas.*

10- Quais são as semelhanças e diferença que se percebe entre os dois anos escolares, e as diferenças.

Professora: *Sobre a diferença dos dois anos escolares, percebe –se que as duas turmas possui um nível de aprendizagem parecidos. Mas quantos as diferenças do 4º ano mais dificuldades para solucionar problemas envolvendo números e demais elementos matemáticos e no raciocínio lógico.*

Ambas as turmas possui alunos com um nível de aprendizagem abaixo do que seria o ideal para sua serie ou seja alguns alunos do 5º ano tem o mesmo nível de aprendizagem que os do 4º e vice versa.